

As notas de um editorialista anticomunista

As notas em que Leonel Brizola viu elogios a Hitler são redigidas pelo editorialista do jornal Gazeta de Alagoas, Wladimir Calheiros, que não as assina. São publicadas sob o título Hitler, na coluna Registro, e abordam aspectos gerais da atuação do líder nazifascista na Europa. Calheiros disse que, com frequência, usa trechos de conhecidos livros sobre Hitler, principalmente Ascensão e queda do terceiro Reich, de William Shirer.

Conhecido na imprensa alagoana por suas ferrenhas posições anticomunistas e pela simpatia que dedica aos militares, Calheiros é sócio da Usina Bititinga, uma das devedoras do Banco do Estado de Alagoas (Produban), e participou da assessoria da campanha de Collor para governador do Estado, em 1986.

Nesse mesmo ano, Calheiros organizou o Jornal do Trabalho, uma publicação de campanha que colaborou para a eleição de Collor para governador e do usineiro João Lyra para o Senado. João Lyra ocupa hoje a vaga de senador aberta pela eleição de Guilherme Palmeira (PFL) para a Prefeitura de Maceió e cede seu jatinho para as viagens de Collor.

Na coluna Registro, o editorialista tem publicado também trechos do livro Memórias de Adriano, de Marguerite Yourcenar, em homenagem ao seu filho Adriano, que morreu no ano passado em acidente de automóvel.

As notas sobre Hitler começaram a ser pu-

blicadas no dia 20 de abril. A primeira delas, sob o título Cem anos de Hitler, trazia dados biográficos e adiantava que nos dias seguintes a coluna estaria abrindo espaço para abordagem da vida do chefe nazista "e das tormentas que ele desencadeou, provocando a morte de milhões de pessoas e alterando o destino de numerosas nações". Desde então, as notas passaram a ser publicadas praticamente todos os dias.

Na nota do dia 27, por exemplo, Calheiros deixou escapar um elogio a Hitler, que foi muito explorado por Leonel Brizola no programa de segunda-feira na televisão: "Os primeiros ensaios políticos desse gênio..." — dizia o texto. Outro trecho que Brizola destacou foi o que saiu no dia 29, dizendo que Hitler "foi condecorado duas vezes por bravura" com "medalhas raramente entregues a subalternos".

No entanto, na coleção de recortes que Brizola tinha à mão na hora do programa na televisão há trechos que ele não leu e que podem ser considerados absolutamente isentos, por citarem dados históricos reconhecidos por estudiosos de Hitler. No dia 30 de abril, por exemplo, o jornal publica números sobre as filiações do Partido Nazista e sobre as eleições de 1932. Ao dizer que a tendência dos alemães à época era para o totalitarismo, a nota faz mais uma constatação histórica do que um elogio a Hitler.

Há até uma outra nota, publicada no dia 19 de maio e que também não foi lida por Brizola, que poderia ser classificada como contrária e não favorável a Hitler. Diz, por exemplo, que "Hitler e sua Alemanha Nazista foram liquidadas em 1945 e as nações oprimidas pela suástica libertadas (...)".

A história recontada

A seguir, algumas das notas sobre Hitler que provocaram discussão entre Leonel Brizola e Fernando Collor:

■ "Hitler lia, lia, lia. A arte da leitura, segundo ele, consiste em "reter o essencial e esquecer o não essencial". Os primeiros ensaios políticos desse gênio começaram em meio à decadência do Império Austro-Húngaro, ferido externamente pela rebeldia das nacionalidades que o integravam e internamente pelas crescentes reivindicações das massas populares. Já aos 21 anos, Hitler aprendeu alguns mandamentos políticos dos quais jamais se afastou. Aprendeu que um partido que quer tomar o poder não se choca com a religião e procura se aproximar do Exército, dos que controlam o Estado e das classes economicamente poderosas." (27/4/89)

■ "Na primavera de 1913, Hitler deixou Viena e foi viver na Alemanha, o que era seu velho sonho. A primeira participação de Hitler na vida alemã foi fazer uma petição ao rei Ludwig III, da Baviera, pedindo permissão para entrar, como voluntário, num regimento bávaro que integrava as forças alemãs na guerra de 1914 contra a Inglaterra e a França. Na noite de 13 de outubro de 1918, foi

vitimado por um violento ataque a gás dos britânicos, em Werwick, durante a última batalha de Yprés, e ficou provisoriamente cego. Foi condecorado duas vezes por bravura, com a Cruz de Ferro de Segunda Classe e, posteriormente, com a Cruz de Ferro de Primeira Classe, medalhas raramente entregues a subalternos." (29/4/89)

■ "As coisas caminhavam vagarosamente, mas todo ano um certo progresso", lembra William Shirer no seu Ascensão e queda do Terceiro Reich. Em 1926, o Partido Nazista tinha 49 mil membros; 72 mil em 1927; 108 mil em 1928 e 178 mil em 1929. Nas eleições presidenciais de 1932, segunda votação, em 10 de abril, Hindenburg, que se reelegeu presidente, teve 19.359.983 votos (53% da votação), Hitler teve 13.418.547 votos (36,8%) e o comunista Ernest Thaelman 3.759.000 votos. O fracasso dos sucessivos gabinetes, a ambição da minoria privilegiada que tinha todos os recursos do país e que não queria abrir mão de nenhum deles, a corrupção, aliados à tendência dos alemães, à época, para o totalitarismo, entregaram as rédeas do poder ao antigo soldado, ao jovem desocupado de Viena, ao pintor frustrado que fora reprovado ao tentar aperfeiçoar os seus dotes artísticos." (30/4/89)